

LISTAS BIBLIOGRÁFICAS
DE APOIO AO CURRÍCULO
DE PORTUGUÊS
ENSINO SECUNDÁRIO

Poesia Portuguesa do século XX

Volume 4

2017

Biblioteca Escolar Clara Póvoa | AELdF

POESIA PORTUGUESA DO SÉCULO XX

VOLUME 4

**Apoio curricular à disciplina
de Português do Ensino Secundário**

Ficha técnica

Seleção local: Paulo Melo

Seleção web: Isabel Bernardo

Desenho gráfico: Isabel Bernardo

Paginação: Conceição Sacarrão e Fernanda Cravo

Edição: Biblioteca Escolar Clara Póvoa

Fotografia da capa: Filipe Oliveira. Olhares.sapo.pt

Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria, Cantanhede

2017

Fernando Pessoa Uma recolha bibliográfica by Biblioteca Escolar Clara Póvoa is licensed under a Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional License.

Organizadas por temas relacionados com o programa da disciplina de Português, as *Listas bibliográficas de apoio à disciplina de Português do Ensino Secundário* apresentam dois tipos de recurso:

- documentos livro, áudio e vídeo disponíveis na Biblioteca Escolar Clara Póvoa para consulta presencial ou requisição domiciliária
- fontes eletrónicas *online*.

Por sua vez, as fontes selecionadas, organizam-se de acordo com a seguinte estrutura:

- dos autores (fontes primárias)
- sobre os autores (fontes secundárias)
- contextos (sobre a época histórica — informação e ficção).

À medida que o fundo documental da BECP se for enriquecendo, estas listas bibliográficas podem ser atualizadas.

Boas pesquisas!



Nuno Júdice

Poeta, ensaísta e académico, nasceu a 29 de Abril de 1949, em Mexilhoeira Grande (Algarve).

Licenciado em Filologia Românica pela Faculdade de Letras de Lisboa, doutorou-se em Literatura Românica Comparada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa, onde é Professor Associado.

Foi o responsável pela Língua e Cultura Portuguesa, na organização do Pavilhão Português, na Exposição de Sevilha, em 1992, bem como pela área de Literatura, na Sociedade Portugal-Frankfurt, em 1997.

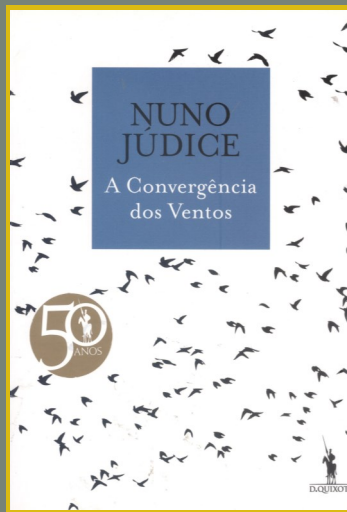
Exerceu as funções de Conselheiro Cultural em Paris, cargo para que foi nomeado em 1997.

O seu primeiro livro de poesia foi *A Noção do Poema* (1972). Publicou ainda obras como *A Partilha dos Mitos* (1982), *A Condescendência do Ser* (1988), *Enumeração de Sombras* (1989), *Um Canto na Espessura do Tempo* (1992), *Meditação Sobre Ruínas* (1994) e *O Movimento do Mundo* (1996). Escreveu os romances *Plâncton* (1981) e *A Manta Religiosa* (1982).

É autor de diversos ensaios, entre os quais se destaca uma tese de doutoramento sobre literatura medieval.

Em 2013 foi galardoado com o XXII Prémio Rainha Sofia de Poesia Ibero-Americana e em 2016 com o Prémio Literário António Gedeão.

(s/d). Nuno Júdice. escritores.online. Obtido em <https://escritores.online/escritor/nuno-judice/>

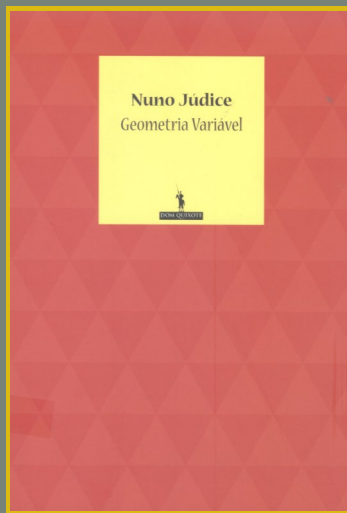


Cota: 821.134.3-1 JUD

Os textos

Noutro plano, se eu soubesse como
te vestes, de que violeta envolves o laço
dos teus cabelos, como desenhavas o traço nítido
que distingue o contorno dos teus lábios, não
precisaria de te imaginar, nem de procurar na memória cada
instante em que surgias
do nada. Nesse tempo, e nessa vida que
corria contra o tempo, carregavas aos ombros
o sol e a lua, e sabias que a noite iria
chegar com o fardo de sonhos que
terias de transportar nas mãos, direita
como a haste dos juncos na margem
do rio, até que a madrugada te
libertasse. E pedir-me-ias que guardasse
o teu lugar no campo que os pastores
viriam fechar para que o rebanho não
fugisse, vendo o sol derreter as mudas
cariátides da geada na erva presa ao muro,
como se o vento não arrastasse as folhas
sobre os teus passos, fazendo com que
perdesses o teu destino num turbilhão
de meses, de anos, de lembranças rápidas
no rodar da vida. Nada é mais certo
do que este movimento sem harmonia
nem lógica, dir-te-ia se aqui estivesses
para me ouvir, sabendo que não me ouvirias
ao fechares a cancela do amor atrás de ti,
e entrases na obscura alameda do passado. (p. 30)

Júdice, Nuno. (2015). *A convergência dos ventos*. Lisboa: D. Quixote.



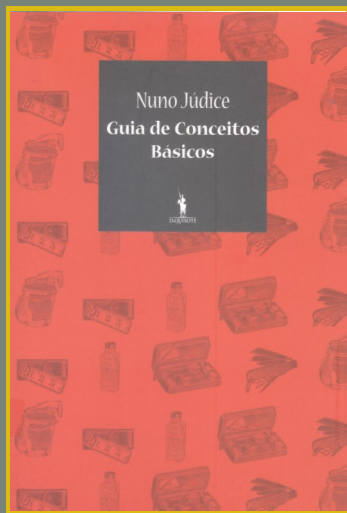
Cota: 821.134.3-1 JUD

Os textos

O amor é

Ferida que não dói,
a palavra que não precisa de ser dita,
um olhar suspenso dos teus olhos,
respirar o ar em que respiras,
dizer o teu nome
e ouvir nele a tua voz,
esperar-te em cada instante
em que sei que me esperas,
dar-te a alegria que me dás,
ver-te chegar num eco de ave,
e deixar que me prendas
com o teu gesto mais suave,
sentir-te, só, ao pé de mim,
e sentir-me tão só longe de ti,
saber que existes em mim
como sei que existo em ti,
a flor do fogo do teu corpo,
e beijar essa flor. (p. 94)

Júdice, Nuno. (2007). *Geometria Variável* (2.ª ed.). Lisboa: D. Quixote.



Cota: 821.134.3-1 JUD

Os textos

Esboço de uma relação entre o ser e a natureza

Os que vivem devagar não olham para trás,
nem sabem o que vem à frente. Sentam-se
na vida que apanham quando o tempo passa
por eles, e tiram-na dos ramos pesados
como se fosse o futuro que vão abrir
com o cansaço dos seus dedos.

Os que vivem devagar desenham
os seus passos no chão por onde não olham,
quando atravessam o instante, e sabem que
o seu movimento é como o das árvores
que o vento agita, e nunca saem
do lugar onde têm a sua raiz.

Os que vivem devagar têm a pressa
Da folha que cai, no outono, e flutua
Com o último brilho de um viço
Estival, antes de pousar onde a terra
Preparou o seu leito, e aí adormecer
Na doce corrupção da eternidade. (p. 14)

Júdice, Nuno. (2010). *Guia de conceitos básicos*.
Lisboa: D. Quixote.



Cota: 821.134.3-1 JUD

Os textos

Texto para uso didáctico

Assim, o que um poeta
faz com as palavras, ao
tocá-las com os dedos,
não é só

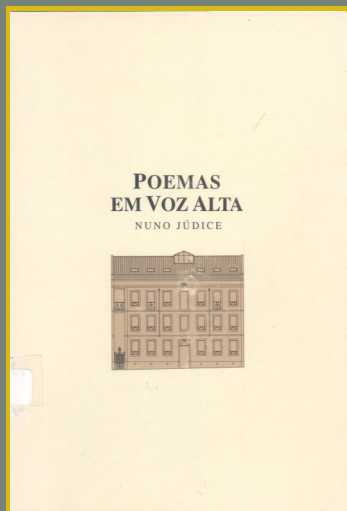
o que o músico faz com os sons
ou o pintor com as cores.

As palavras,
cuja composição espessa cimenta
o cérebro e lhe dá peso,
não se reduzem às matérias visual
e acústica respectiva-
mente da cor e do som.

A queda desamparada do sentido para dentro de um
Pequeno espaço de escrita,
assim como a súbita relação
estabelecida entre esse facto
e a minha consciência dele, desde logo
ampliam o horizonte expressivo
do poema.

E se o raciocínio e o gesto, em parte,
não entram nele
não quer isto dizer que uma (outra)
razão, talvez mais profunda,
o inspire e penetre. (p. 135)

Júdice, Nuno. (2010). *Guia de conceitos básicos*.
Lisboa: D. Quixote.



Cota: 821.134.3-1 JUD

Não vos enganeis a contar as folhas:
neste inverno, não há folhas que cheguem,
nas árvores, para os vossos dedos.

Contai as folhas até os vossos dedos ficarem em sangue.

Uma a uma, as árvores desfolham-se
à medida que as contaís.

Ramos, troncos, nós escondidos sob
o musgo, até alguns verdes jovens a despontarem
sob os verdes antigos.

As folhas estão cheias.

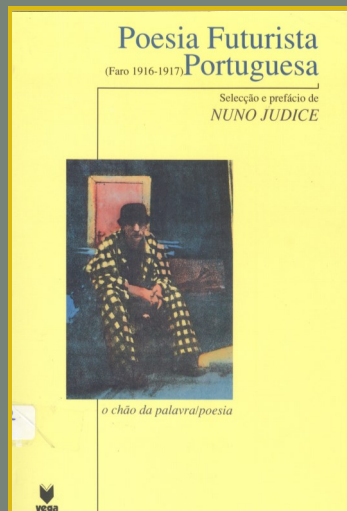
Dizem-me que, na primavera, cada uma destas folhas
será uma flor.

Então, por detrás da janela, ou dos grandes vidros
da varanda, contar-te-ei cada uma dessas folhas – para que
fiques a saber quantas flores poderás colher.

De facto, engano-me sempre a contar as folhas: sobretudo
porque,
quando chove, confundo as gotas de água que se prendem
ao vidro... (pp. 34-35)

Os textos

Júdice, Nuno. (1996). *Poemas em voz alta*. Lisboa:
Presença.



Cota: 821.134.3-1 JUD

Os textos

Com a presente reedição da «Poesia Futurista Portuguesa» fica acessível ao leitor, na sua totalidade, a produção poética de «O Heraldo de Faro». Não se excluíram os poemas que, pela sua natureza mais tradicional, se afastam dos princípios estéticos do movimento, podendo verificar-se a coexistência de txtos de forma e conteúdo mais tradicionais com outros em que o desejo de ruptura é evidente, consagrando aquilo que, no Modernismo português, é de resto uma constante: a recuperação da tradição pela vanguarda.

Olhando, com os elementos de que dispomos, para esse período de afirmação do Modernismo português, apontaremos a seguinte proposta de periodização:

- 1.^a fase, decadentistas-paúlita: tem início com a publicação dos artigos de Pessoa sobre «A nova poesia Portuguesa» na revista «Águia» e termina com a publicação do 1.º número de «Orpheu» - 1912-1915;
- 2.^a fase, simbolista-futurista: tem inicio com o primeiro número do «Orpheu» e termina com a edição do «Portugal Futurista» - 1915-1917... (pp. 13-14)

Júdice, Nuno. (1993). *Poesia futurista portuguesa* (2.^a ed.). Lisboa: Vega.

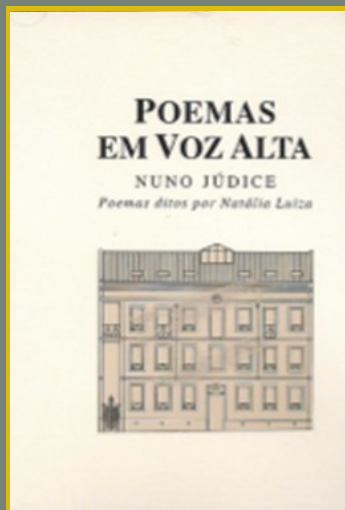


Cota: 8 BRA
Música (CD)

A vida rompeu

A vida rompeu / Onde tudo era breu / E embora fosse
morrer / A morte / Começou a reverdecer / A morte /
Começou a reverdecer // Eram dois mendigos / E amavam-
se de amor / Demorou Deus a olhá-los // Demorou deus a
olhá-los // Demoraram os carrascos / A levá-los / A levá-
los / A vida rompeu / Onde tudo era breu / Toda a terra
fermentou // E embora fosse morrer / A morte // Vozes,
ventos e murmúrios // Eram dois mendigos / E amavam-se
de amor // Deu água a fonte que secou // Demorou Deus a
olhá-los / A morte / Vozes, ventos e murmúrios // Passou a
noite absorto / No negrume opaco da noite / Sóis, nuvens,
aves / Um deus morto / No negrume opaco da noite

Branco, José (2004). A vida rompeu In *Resistir é vencer*
[CD]. Lisboa: EMI Valentim de Carvalho.



Cota: 610 JUD
Declamação (CD)

Os textos

Um Amor

Aproximei-me de ti; e tu, pegando-me na mão,
puxaste-me para os teus olhos
transparentes como o fundo do mar para os afogados.
Depois, na rua,
ainda apanhámos o crepúsculo.
As luzes acendiam-se nos autocarros; um ar
diferente inundava a cidade. Sentei-me
nos degraus do cais, em silêncio.
Lembro-me do som dos teus passos,
uma respiração apressada, ou um princípio de lágrimas,
e a tua figura luminosa atravessando a praça
até desaparecer. Ainda ali fiquei algum tempo, isto é,
o tempo suficiente para me aperceber de que, sem estares
ali,
continuavas ao meu lado. E ainda hoje me acompanha
essa doente sensação que
me deixaste como amada
recordação.

Júdice, Nuno (1996). Um amor In *Poemas em voz alta*[CD]. Lisboa:
Estúdios de Som Nacional Filmes.



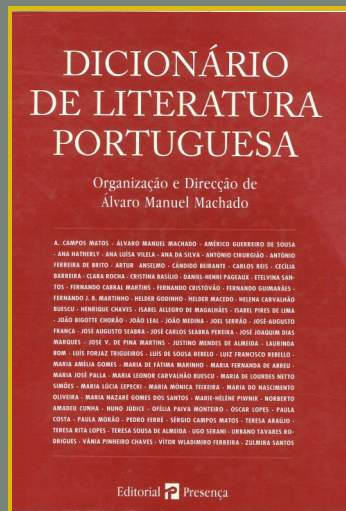
Cota: 80 GUI

Talvez seja este um dos momentos mais característicos ou significativos da sua poesia: a contradição entre a presença do poeta, do eu, e a do poema, da «vida textual».

Destas duas forças, a primeira chega a atingir um certo paroxismo romântico, que se distingue num envolvimento literário que, embora ocasional, não deixaria de ser um sintoma idêntico ao que encontraríamos em certas formas de adjectivação ou perífrases preferidas do ultra-romantismo, quando se refere às «nocturnas névoas lacustres», à «noite infindável», às «vagas abóbadas da floresta» ou ao «vento [que] agita os ramos altos dos ciprestes». Mas todo este lado de ordem estilística, em que a afirmação do eu – através das suas emoções, receios, deslumbramentos – estaria implicada, não deixa de surgir mediante um desvio que se caracteriza pelo sentido especialmente dramático desta poesia. Em certos momentos, tal sentido é sobretudo marcado pela necessidade de uma consciência quase ética de castigo ou de autopunição se afirmar. (pp. 120-121)

Guimarães, Fernando. (1989). *A poesia contemporânea portuguesa e o fim da modernidade*. Lisboa: Caminho.

Sobre os textos

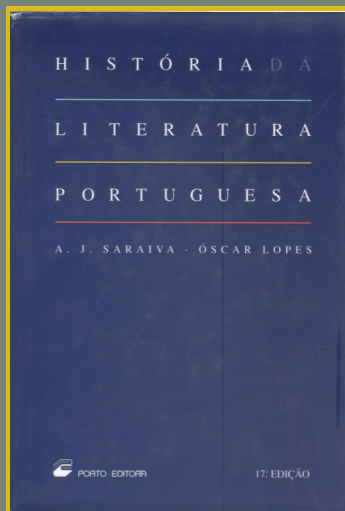


Cota: 80(038) MAC

Mas a poesia de Nuno Júdice soube sempre encontrar o equilíbrio necessário entre uma subjectividade criadora – muitas vezes marcadas por um pathos, que encontra não raro na discursividade um suporte seguro - e a atenção prestada a uma objectividade ou maturidade textual que, desde que na poesia tenda a predominar uma dimensão metafórica, nunca deixa de ser uma das condições efectivamente necessárias. Daí a transposição para um campo figural onde se exploram as correspondências que há entre uma experiência da realidade e a de uma linguagem que, apoiando-se na imaginação, ultrapassa «as realidades do mundo aparente» para atingir, como se diz na poesia de *A Consciência do Ser* (1988), esse «todo invisível que é a criação». Ora esta poesia intitula-se, precisamente, «Teoria do poema»; mas, como acontece no seu primeiro livro, ressalva-se o facto de a linguagem poética se referir ao pensamento teórico sem que isso implique necessariamente que com ele se confunda. É esta proximidade que empresta a toda a poesia de Nuno Júdice uma disponibilidade indagativa, uma inquietação intelectual ou um iniludível tom reflexivo. (p. 253)

Machado, Álvaro Manuel. (1996). *Dicionário de literatura portuguesa*. Lisboa: Presença.

Sobre os textos



Cota: 80(038) SAR

Nuno Júdice (n. 1949: A Noção de Poema, 1972; Lira de Líquen, 1986; A Condescendência de Ser, 1988); Enumeração de Sombras, 1989; Obra Poética, (1972-1982), Meditação sobre ruínas, 1995, parte da meditação sobre o próprio acto poético como aniquilador de certezas quotidianas ou herdadas e tende para um visionarismo, rítmica e imagisticamente, insinuante, em que a morte e vida, «eu» e outrem, «nós» e as coisas (e toda a «fingida memória do poeta») se abrem às inesgotáveis virtualidades de uma «vida alterna», indistintamente actual, revivida ou pressagiada; no último livro acerca-se da linguagem mais corrente, numa visão desalentada, que ora se escapa pelo visionário, ora por algumas coisas ligadas à vida rural infantil. (p. 1084)

Saraiva, A. J. & Lopes, Óscar. (2001). *História da literatura portuguesa* (17.ª ed.). Porto: Porto Editora.

Sobre os textos



Clique nos links para aceder aos recursos

[escritores.online](#)

[Portal da Literatura](#)

[RTP Ensina](#)

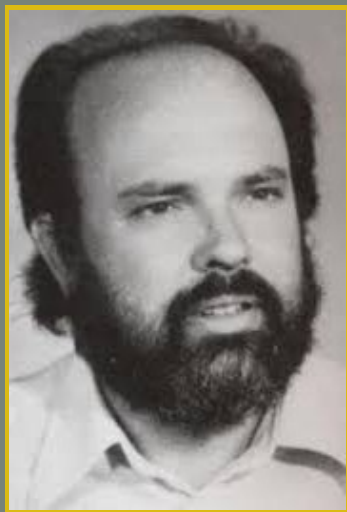
[Poems from de portuguese. 21st century poetry](#)

[Cículo de Poesía. Revists electrónica de literatura](#)

[Colóquio Letras](#)

[TSF—O livro do dia](#)

Recursos web

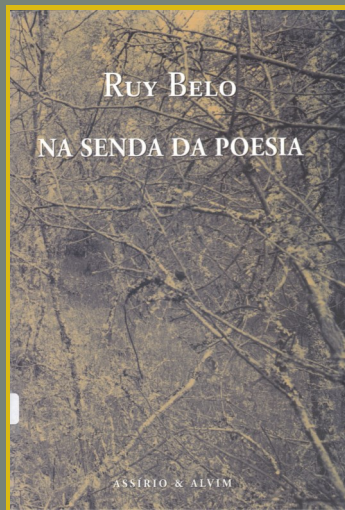


Rui Belo

Rui de Moura Belo (São João da Ribeira, Rio Maior, 27 de Fevereiro de 1933 - Queluz, Sintra, 8 de agosto de 1978) foi um poeta e ensaísta português.

Carreira (1954-1978)

Em 1951 entrou para a Universidade de Coimbra como estudante de Direito, aderindo pouco depois à Opus Dei. Terminado o curso de Direito, já na Faculdade de Direito de Lisboa, no ano de 1956, partiu para Roma, onde estudou na Universidade S. Tomás de Aquino (Angelicum). Aí obteve em apenas dois anos, com uma tese intitulada "Ficção Literária e Censura Eclesiástica", o seu doutoramento em Direito Canónico. Regressado a Portugal, foi diretor literário da Editorial Aster. A seguir foi chefe de redação da revista Rumo. Em 1961 entrou como investigador na Faculdade de Letras de Lisboa, com uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian.



Cota: 821.134.3-4 BEL

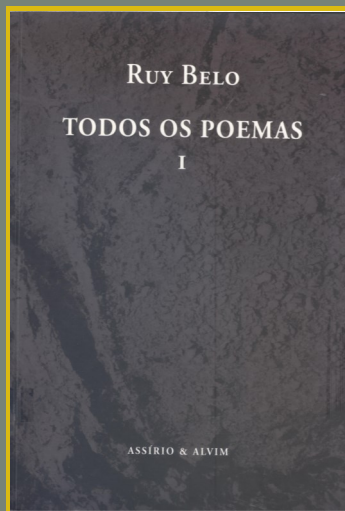
Os textos

Ao leitor, em primeira linha, só o poema deve interessar. Nome do autor, circunstâncias biográficas, factores psicológicos, merecedores de atenção mais tarde, principalmente para especialistas, não devem influenciar, perturbar, desvirtuar em último termo a relação com uma estrutura vocabular, frásica e discursiva que deve impor-se por si própria, no caso de ter capacidade para isso.

Como se sabe, a poesia faz-se com palavras e não com ideias. Sempre assim foi e sempre assim é. Se, de um acontecimento da vida real, podem ficar na memória ou nos apontamentos do poeta umas quantas palavras, nunca lhe será possível, sem erro artístico, escrever sobre esse acontecimento. Assim como, no plano da recepção da poesia, não pode deixar de ir além de falácia elaborar paráfrase, glosas sobre poemas que visceralmente vivem das palavras que são.

Nada disso, aliás, tem a ver com a obrigação do poeta ser fiel à realidade, de falar do que viu, de dar testemunho do seu meio e do seu tempo. Isso é um problema seu e só em palavras deverá plasmá-lo. A experiência, a fidelidade à vida não terão maior importância que garantir a intensidade da expressão. (p. 321)

Belo, Ruy. (2002). *Na senda da poesia*. Lisboa: Assírio & Alvim.



Cota: 821.134.3-1 BEL

Os textos

Morte ao meio-dia

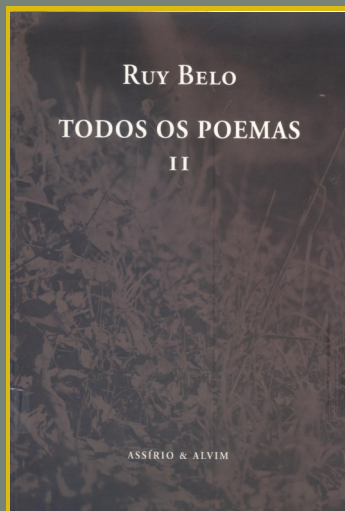
No meu país não acontece nada
à terra vai-se pela estrada em frente
Novembro é quanta cor o céu consente
às casa com que o frio abre a praça

Dezembro vibra vidros brande as folhas
a brisa sopra e corre e varre o adro menos mal
que o mais zeloso varredor municipal
Mas que fazer de toda esta cor azul

Que cobre os campos neste meu país do sul?
A gente é providente cala-se e mais nada
A boca é para comer e trazer fechada
o único caminho é direito ao sol

No meu país não acontece nada
o corpo curva-se ao peso de uma alma que não sente
Todos temos janela para o mar voltada
o fisco vela e a palavra era para toda a gente (p. 203)

Belo, Ruy. (2004). *Todos os poemas I* (2.^a ed.). Lisboa: Assírio & Alvim.



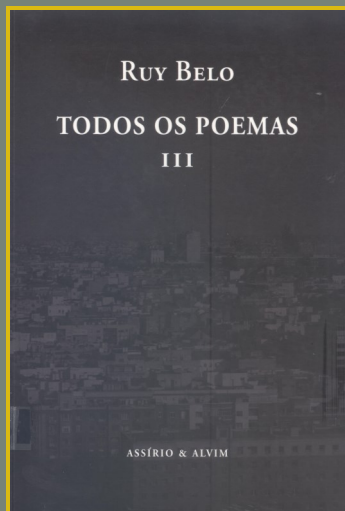
Cota: 821.134.3-1 BEL

Os textos

Peregrino e hóspede sobre a terra

Meu único país é sempre onde estou bem
É onde pago o bem com sofrimento
É onde num momento tudo tenho
O meu país agora são os mesmos campos verdes
Que no outono vi tristes e desolados
E onde nem me pedem passaporte
Pois neles nasci e morro a cada instante
Que a paz não é palavra em mim
O malmequer a erva o pessegueiro em flor
Asseguram o mínimo de dor indispensável
A quem a felicidade que tivesse
Veria uma reforma e um insulto
A vida recomeça e o sol brilha
A tudo isto chamam primavera
Mas nada disto cabe numa só palavra
Abstracta quando tudo é tão concreto e vário
O meu país são todos os amigos
Que consinto e que perco a cada instante
Os meus amigos são os mais recentes
os dos demais países os que mal conheço e... (p. 164)

Belo, Ruy. (2004). *Todos os poemas II* (2.^a ed.). Lisboa: Assírio & Alvim.



Cota: 821.134.3-1 BEL

Os textos

Há domingos assim

Há domingos em que o nevoeiro poisa múltiplos pés miúdos no mar

E os múltiplos pés miúdos que poisa já de si no mar
se vão ainda desvanecendo multiplicando minuto a minuto

E o nevoeiro é uma vasta mão no mar e algumas casas
brancas da vila ao longe cada vez mais longe

Que há pouco na névoa eram ainda mais brancas alvejavam
visivelmente mais

se perdem também agora na imensa superfície indecisa
levemente móvel

infinitamente divisível boiando no espaço dissolvendo tudo até
mesmo o mar

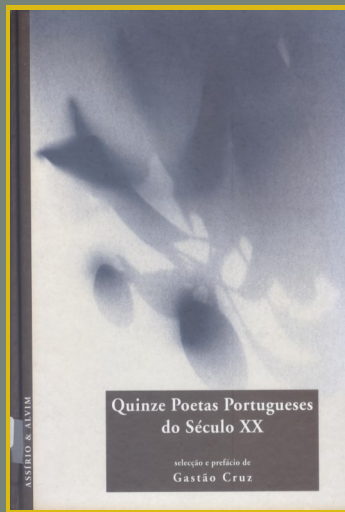
Não há muito ainda se viam homens simplificados em vultos
jogando talvez ao chinquilha junto do forte

Havia o ruído da ronca agora estou só aqui nesta ponta de
terra

Nesta ponta de tudo com os pés nesta desmedida vontade de
partir

Mas não para aqui ou para ali nem para paisagens sabidas
saídas das páginas de romances (p. 49)

Belo, Ruy. (2004). *Todos os poemas III* (2.ª ed.). Lisboa: Assírio & Alvim.



Cota: 821.134.3-82 QUI

Os textos

Feliz aquele que administra sabiamente
a tristeza e aprende a reparti-la pelos dias
podem passar os meses e os anos nunca lhe faltará

Oh! Como é triste envelhecer à porta
entretecer nas mãos um coração tardio
Oh! Como é triste arriscar em humanos regressos
o equilíbrio azul das extremas manhãs de verão
ao longo do mar transbordante de nós
no demorado adeus da nossa condição
É triste no jardim a solidão do sol
vê-lo desde o rumor e as casas da cidade
até uma vaga promessa de rio
e a pequenina vida que se concede às unhas
Mais triste é termos de nascer e morrer
e haver árvores ao fim da rua

É triste ir pela vida como quem
regressa e entrar humildemente por engano pela morte
dentro
É triste no outono concluir
que era o verão a única estação
Passou o solitário vento e não o conhecemos
e não soubemos ir até ao fundo da verdura
como rios que sabem onde encontrar o mar
e com que pontes com que ruas com que gentes com que
montes conviver (p. 375)

Belo, Ruy. (2004). *A mão no arado, Em Cruz, Gastão (Sel.)* Quinze poetas

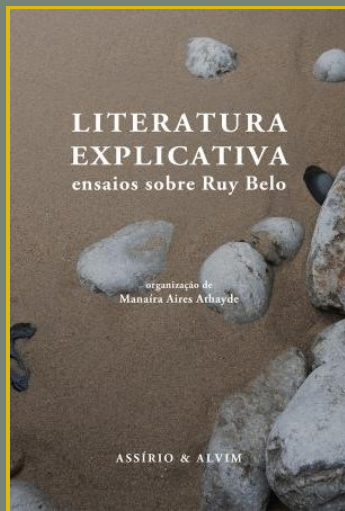


Cota: 821.134.3-82 ROS

Os textos

O tempo das suaves raparigas
é junto ao mar ao longo da avenida
ao sol dos solitários dias de dezembro
Tudo ali pára como nas fotografias
É atarde de agosto o rio a música o teu rosto
alegre e jovem hoje ainda quando tudo ia mudar
És tu surges de branco pela rua antigamente
noite iluminada noite de nuvens ó melhor mulher
(E nos alpes o cansado iluminista canta alegremente)
«mudança possui tudo»? Nada muda
nem sequer o cultor dos sistemáticos cuidados
levanta dobra da tragédia nestas brancas horas
Deus anda à beira da água calça arregaçada
como um homem se deita como um homem se levanta
Somos crianças feitas para grandes férias
pássaros pedradas de calor
atiradas ao frio em redor
pássaros compêndios de vida
e morte resumida agasalhada em asas
Ali fica o retrato destes dias
gestos e pensamentos tudo fixo (...) (pp. 1726-1727)

Belo, Ruy. (2004). *Orla marítima, Em Correia, Manuela (Org.) Rosa do mundo: 2001 poemas para o futuro (3.ª ed.)*. Lisboa: Assírio & Alvim.



Cota: 80 ATH

Sobre os textos

Lembremos o poeta «Nos finais do verão», do livro *Toda a Terra* (1976), e também «Enganos e desencontros», parte final do seu último livro, *Despeço-me da Terra da Alegria* (1978), para enfatizar a leitura da poesia beliana no que ela tem de mais visceral: a tensão máxima entre a plenitude das coisas e a vacuidade da existência: «Aqui sobre estas águas eu suspensão deixo / a vida até qualquer outro verão / onde outra vez procure em vão o que ora procurei» (Belo, 2000b: 59) ou «Eu canto a / memória fugitiva como a água / que parece estender alguma mão de paz / sobre a ácida lâmina de um sabre» (idem: 60), lemos em «Nos Finais do verão», e «Reconhecer que para além é o mar e os seres sujeitos ao mar / à indecisão à instabilidade à inconstância aos caprichos do mar» (Belo, 2000b: 193), lemos em «Enganos e desencontros».

É um trabalho de escrita inegavelmente marcado pela passagem dos dias, por sua vivência dolorosa e pela experiência aguda da finitude, refigurando-se numa dicção narrativa em torno da imagética do mar (a épica caótica), que enreda seu leitor. (pp. 28-29)

Athayde, Manaira Aires. (2015). *Literatura explicativa: ensaio sobre Ruy Belo*. Porto: Assírio & Alvim.



Cota: 80 GUI

Como notou Joaquim Manuel Magalhães, num estudo sobre a obra poética de Ruy Belo, importa não nos alhearmos do que nela seriam as suas raízes românticas; e precisando um pouco mais esta opinião, refere que «não usa a categoria de Romantismo como contrária à de Classicismo, mas como contrária à de Positivismo». Esta pista é, sem dúvida, adequada não só para se compreender a poesia de Ruy Belo mas também algumas linhas de desenvolvimento da nossa poesia. Com efeito, o confronto que se estabeleceu entre o Classicismo e o Romantismo, aliás muito atenuado se considerarmos a obra dos nossos primeiros românticos, vai adquirir uma nova configuração quando a Geração 70 e outros escritores cuja obra é publicada concomitantemente começam a mostrar-se receptivos – mau grado a posição de Antero ou Bruno – ao pensamento positivista. Será esta mentalidade positivista que levantará os maiores obstáculos críticos a uma recidiva do espírito romântico através do surto tão contestado do Simbolismo (e contestado, precisamente, a partir de uma crítica cujos suportes teóricos - ou, pelo menos, valorativos – tinham essa marca positivista....) (pp. 91-92)

Guimarães, Fernando. (1989). *A poesia contemporânea e o fim da modernidade*. Lisboa: Caminho.

Sobre os textos



Cota: 80 JUD

No início é o rio, o grande rio – a água, fonte da vida mas também reflexo do destino humano que conduz à morte; e, além disso, significado a pequenez do homem remetendo-o para a infância. Ao homem mortal, condicional, se opõe no entanto o poeta: aquele passa no rio natural, cíclico, com que as árvores dão fruto; este acolhe-sena residência protectora de um tu proteiforme, mas claramente masculino. É um tu simultaneamente positivo (é «o maior dos mares») e negativo (a estagnação do «paul») que incorpora o eu do poeta: «embrulhe-me na voz que desdobras/o inumerável número dos dias». A vitória sobre o tempo, nesta «Segunda infância» é a vitória do ser da palavra sobre o ser da vida.

O processo metafórico do poeta tem um percurso poético próprio, paralelo da estrutura metafórica que o elabora. Podemos encontra-lo nos vários epitáfios que surgem ao longo da obra com um sentido «escatológico» preciso. Trata-se de abandonar o nome terrestre, envólucro do corpo efêmero, acto necessário para que se realize a comunhão com a voz divina, essa potência englobante e totalitária que é outra das formas do tu... (pp. 149-150)

Júdice, Nuno. (1992). *O processo poético*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Sobre os textos

DICIONÁRIO DE LITERATURA PORTUGUESA

Organização e Direcção de
Álvaro Manuel Machado

A. CAMPOS MATOS · ÁLVARO MANUEL MACHADO · AMÉRICO GUERRINHO DE SOUSA
ANA BARRETELL · ANA LUÍSA VIEIRA · ANA DO CARMO · ANTONIO CHAVEZ · ANTONIO
FERREIRA DE BRITO · ARTUR ANSELMO · CÂNDIDO ROBERTO · CARLOS REIS · CECÍLIA
BARREIRA · CLARA ROCHA · CRISTINA RASULU · DANIEL MONTE PAGAUX · ETELVINA SAN-
TOS · FERNANDO CARVAL MARTINS · FERNANDO CRISTÓVÃO · FERNANDO GUIMARÃES ·
FERNANDO J. E. MARTINS · HÉLDER GONÇALVES · HÉLDER MACEDO · HÉLDER CARVALHO
RUSCO · HENRIQUE CHAVES · ISABEL ALZEDO DE MACALHÃES · ISABEL PIRES DE LIMA
· JACQUES CHATEL · JOÃO LEAL · JOÃO MOURA · JOSE HERÁZ · JOSE AUGUSTO
FRANCA · JOSE AUGUSTO VIEIRA · JOSE CARLOS XAVIER PEREIRA · JOSE DOMINGOS DAS
MARQUES · JOSÉ V. DE PINA MARTINS · JUSTINO MENDES DE ALMEIDA · LAURINDA
ROSE · LUIS FORJAZ TRINDADE · LUIS DE SOUSA REIS · LUIS FRANCISCO RIBEIRO ·
MARIA ANELISA GOMES · MARIA DE FÁTIMA BRAGANÇA · MARIA TEREZINHA DE ARAÚJO
MARIA JOSÉ PALLA · MARIA LINDOR CARVALHO RUSCO · MARIA DE LOURDES NETTO
SILVEIRA · MARIA LUCIA LEPCKE · MARIA MÓNICA TEIXEIRA · MARIA DO NASCIMENTO
OLIVEIRA · MARIA NAZARE GOMES DOS SANTOS · MARIA-HELENE PUNHO · ROBERTO
AMARAL COMA · NUNO JORDI · ORLÉA PAVIA MONTEIRO · OSCAR LOPEZ · PAULA
COSTA · PAULA MORAIS · PEDRO FERRE · SÉRGIO CAMPOS MATOS · TERESA ARAÚJO ·
TERESA VIEIRA LOPES · TERESA VIEIRA DE ALMEIDA · JOSÉ DE AMARAL · VÍTORIA TAVARES DO
BRASIL · VÍTORIA PINHEIRO CHAVES · VÍTOR WILHEMINA TEIXEIRA · ZULEIKA LANTAS

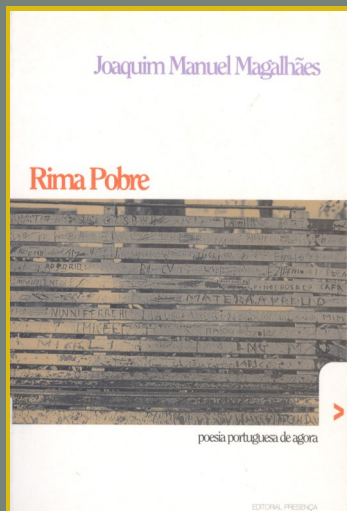
Editorial  Presença

Cota: 80(038) MAC

Ruy Belo instala desde o seu primeiro livro um sentimento que quase parecia ter sido esquecido: o de uma relação com a natureza que tem a sua origem numa tradição literária clássica, mas também numa releitura de poesia portuguesa, de Camões a Pessoa. E é em Ruy Belo que o versilibrismo, levado às últimas consequências, embora conjugado com um domínio seguro das técnicas poéticas tradicionais, como o soneto, se impõe no verso português, na sequência de que Herberto Helder já fizera com um marcado carácter experimental, o que o situa, em relação a Ruy Belo, num plano de continuador das vanguardas europeias, em particular o surrealismo, o que Ruy Belo não pretende ser. De facto, a posição de Ruy Belo na poesia portuguesa coloca-o dentro do movimento de renovação da linguagem poética que tivera início nos anos 50, com a viragem no sentido de uma poesia menos submetida à contingência histórica e ao empenhamento político. Ruy Belo transfere essas questões para a esfera filosófica, primeiro, antes de as integrar numa dimensão ética em que o ser real se projecta em diálogo com o sujeito poético, num jogo que atinge o seu clímax no auto-epitáfio – como se, à maneira de Pessoa ou de Borges, o olhar do poeta se distanciasse e se autonomizasse cada vez mais desse homem do tempo e da(s) palavra(s)... (pp. 56-57)

Machado, Álvaro Manuel. (1996). *Dicionário de literatura portuguesa*. Lisboa: Presença.

Sobre os textos



Cota: 80 MAG

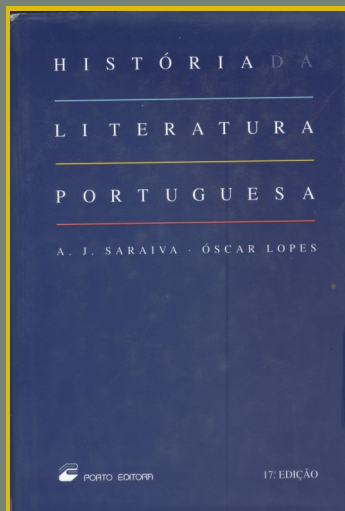
Ruy Belo participou firmemente nessas actividades: a sua poesia teve sempre em vista a consciência da linguagem como um fim em si mesmo que se transformava, no contacto com o leitor, num dispositivo de transfiguração das sufocações alienantes; a sua figura de poeta alinou-se com figuras políticas que compareciam publicamente sempre que o regime o permitia (ainda que farsantemente) qualquer tímido combate político declarado, que tanta coragem e abnegação exigia dos dispostos a travá-lo.

A dimensão política do seu empenho cultural é talvez fácil de compreender. A sua formação era profundamente católica (o que era comum entre os jovens de famílias remediadas de província no Portugal dos anos 40 e 50), mas tornar-se-ia ainda mais empenhadamente católica quando, por altura dos seus anos de estudante da Faculdade de Direito de Coimbra, se comprometeu com Opus Dei.

A experiência nesse Instituto religioso deixar-lhe-ia profundas marcas, das quais as mais positivas terá sido a imersão no mundo dos outros... (pp. 146-147)

Magalhães, Joaquim Manuel. (1999). *Rima pobre*. Lisboa: Presença.

Sobre os textos



Cota: 80(09) SAR

De longe o mais original poeta religioso dos anos 60 é Ruy Belo (n. 1933-02-27 – f. 1978-08-07), que nos seus primeiros poemas publicados espraia, com um belo fôlego, um caudal de metáforas e paranomásias que desvalorizam a Cidade humana, na obstinada perseguição de evidências de uma outra cidade em que a morte ganhe sentido para além de tudo o que qualquer desejo humano saiba dizer (Aquele Grande Rio Eufrates, 1961, reed. 1972; O Problema da Habitação, 1962), tornando depois essa perseguição cada vez mais evidente em termos onde uma meditação religiosa, como a de NEmésio da última fase, fica na contiguidade da tradição de luta democrática, com flagrantes de certa aldeia do Noroeste litoral, entre outra experiência vivida... (p. 1073)

Saraiva. A. J. (2001). *História da literatura portuguesa*. Porto: Porto Editora.

Sobre os textos



Clique nos links para aceder aos recursos

[Instituto Camões](#)

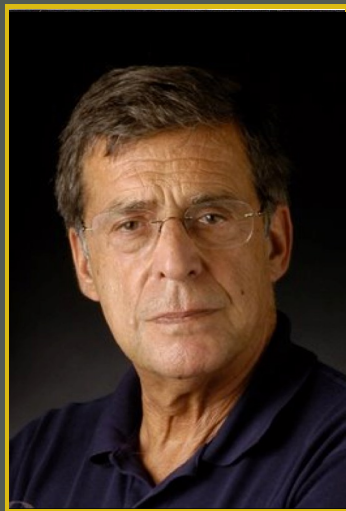
[RTP Ensina](#)

[Universidade Católica Portuguesa](#)

[escritores.online](#)

[Colóquio de Letras](#)

Recursos web



Vasco Graça Moura

Vasco Navarro da Graça Moura (Porto, Foz do Douro, 3 de Janeiro de 1942 — Lisboa, 27 de abril 2014) foi escritor, tradutor e político português.

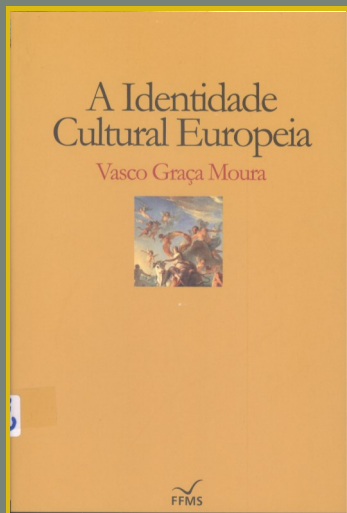
Vasco Graça Moura, nasceu na freguesia de Foz do Douro, no Porto.

Licenciado em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, onde colaborou na publicação académica Quadrante(1958-1962) publicada pela Associação Académica da Faculdade de Direito de Lisboa. Passou 39 meses na tropa, numa altura em que era já casado e pai de dois filhos.

Foi advogado entre 1966 e 1983.

Após o 25 de Abril de 1974, aderiu ao Partido Social Democrata, tendo sido chamado a exercer os cargos de Secretário de Estado da Segurança Social e dos Retornados .

Na década de 80 enveredou definitivamente pela carreira literária, que o havia de confirmar como um nome central da literatura portuguesa da segunda metade século XX e um dos maiores defensores da língua portuguesa contra o denominado "Acordo Ortográfico" que tem sido alvo de grande polémica e resistência, não só em Portugal como em todos os países faladores de português, devido à sua introdução e implementação forçada e conta-vontade da generalidade dos povos.



Cota: 316 MOU

A herança cultural é portanto o conjunto de elementos que permitem a um determinado grupo reconhecer-se como portador de uma identidade própria e comunicar ao longo do tempo, quer no interior desse grupo quer, pela marcação de uma diferença, para fora dele. Essa herança cultural passa por muitos e variados elementos, desde pela língua materna e pela família a que esta pertença, e depois pelo património material e imaterial, pelos costumes e tradições, pelos condicionamentos, adaptações e morfologias impostos pela História, pela geografia, pelo clima... A herança cultural resulta de um longo processo de existências das sociedades implantadas no espaço e no tempo, em interacção com factores da mais variada ordem. Tem uma dimensão espiritual e antropológica, ligada a escalas de valores humanos identitários, éticos, estéticos, afectivos e outros.

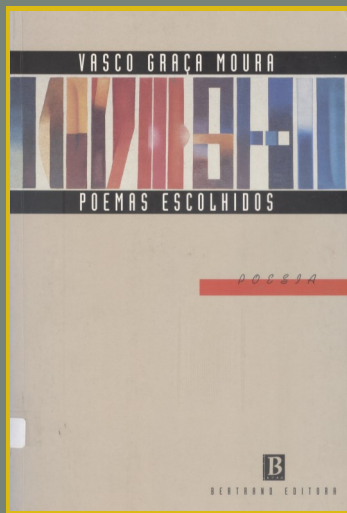
Por isso mesmo, da herança cultural decorrem consequências importantes para todos os aspectos da vida política, social e económica. (pp. 38-39)

Moura, Vasco Graça. (2013). *A identidade cultural*. Lisboa: Fundação Francisco
Manuel dos Santos.



Cota: 821.134.3-1 MOU

E poderia evocar baralhadamente e fragmentariamente as mais variadas situações ligadas a esses primeiros encontros: Pessoa, de quem nunca gostei muito, descoberto e folheado por acaso, pelos meus dez anos, na sala de uma amiga de minha mãe que vivia na Foz e ainda era parente dele; Rilke, comprado na livraria Buchholz (ainda na avenida da liberdade...) aí por 1959-60, quando eu andava no primeiro ano de Direito; Cesário numa saleta liceal; António Nobre, mais prezado e entendido a partir de observações iluminantes de Óscar Lopes sobre o seu coloquialismo mimado; Airas Peres Vuitorom quando saiu a edição de Rodrigues Lapa das cantigas de escarnio e mal-dizer; García Lorca, creio que numa detestável declamação “expressionista” de Berta Singermann na televisão, mas antes também em referências ouvidas ainda em finais do liceu a outro professor, José da Silva, que nos contava que, em França, os jovens decoravam poemas dele mesmo sem compreenderem o castelhano... (p. 9)



Cota: 821.134.3-1 MOU

Os textos

escuta esta música, esta
ténue quietação: vai até onde
desceram as raízes
do coração por humildade.
escureceu mais cedo e vais precisar dela.

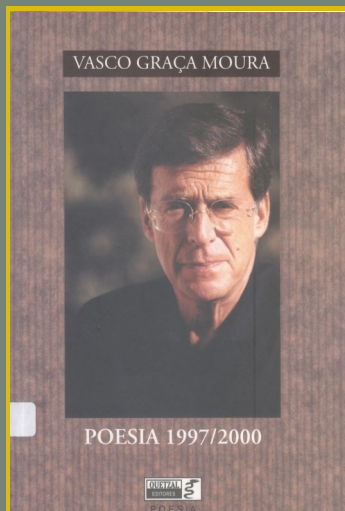
já não há rosas no voo das palavras,
só estranhezas, parques para a chuva, e há
na casa do ser sangue e suor, alguns resíduos
duma enredada, dura aprendizagem
entrelaçada nelas, devagar.

o remorso das coisas organiza-se
e é sinuosa a sua irrupção
no interior de nós mesmos. nós os hesitantes, os que
delas tanto quisemos ou deitámos
pra fora da lembrança a sua imagem veemente

e tanta paz incerta procurando-se
na mordedura de um silêncio triste.
tanto aprendi. deveria durar uma defesa
contra o incerto? ou a serenidade é tão difícil
que só a alcança o coração tumultuoso? (p. 223)

Moura, Vasco Graça. (1996). *Poemas escolhidos 1963-1995*.

Lisboa: Bertrand.



Cota: 821.134.3-1 MOU

Os textos

não são muitos, são muito poucos, os poetas
que inventam a poesia portuguesa
como radical abalo do mundo, ou metáfora
a estremecer que o refigura, ou como

crispação do destino e subversão,
no risco visceral da sua própria vida.
assim, e porque toda a liberdade reenvia
ao necessário exílio, eles atrevem-se
a atravessar sem rede o vão por sobre o abismo:
prendem-se a quanto é neles explosão, remorso,
erros, desequilíbrios, amores visões, enganos,
nuvens de forma humana. pela palavra queimam

contradições passadas e presentes, peregrinam
em sarça que arde, enovelada, a fogo escuro,
iluminando a fronteira dúplice: os reflexos intermitentes
entre os vultos amalgamados de uma greda pobre

e uma sua imagem a lo divino feita;
não são muitos os que enfrentam o real, retesando a
percepção no meio dos salgueiros, em desapego
crepuscular dos instrumentos bíblicos: (p. 158)

Moura, Vasco Graça. (2000). *Poesia 1997-2000*. Lisboa:
Quetzal.



Cota: 821.134.3-1 ROS

Os textos

a sombria beleza do tema
da estação e da morte», diz o Kundera algures.
nesta imagem desenha-se um olival perdido
de surdas tonalidades, atrás do cais de onde

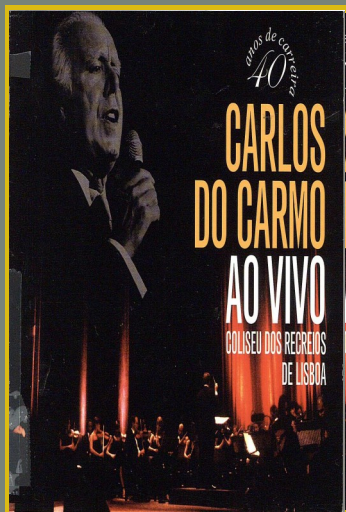
se despenhou alguém, alguma forma
aflita e trágica, vinda do fundo súbito de uma
paisagem tão modesta, sob as vozes
de quem chega e quem parte, ou simolesmente foi ali para olhar

outros seres de passagem, outros rasos destinos sem anjo para o
remorso.

há flores, dirás, algumas flores diurnas, confiantes,
que outras mãos hão-de dispor na jarra, relembhada
junto à parede branca, mas essas são em ténue

sopro de acaso, ou um fulgor antecipado outra nudez.
Quando a luz já se tornou mais húmida e quase musical,
e através da folhagem a harpa do desgaste estremeceu,
e passaram as horas e passaram... pp. 1801-1802)

Moura, Vasco Graça. (2000). A sombria beleza do tema. In Correia,
Manuela, *Rosa do mundo: 2001 poemas para o futuro*. Lisboa: Assírio
& Alvim.



Cota: 8 CAR

Música (CD)

Os textos

“Nasceu assim, cresceu assim”

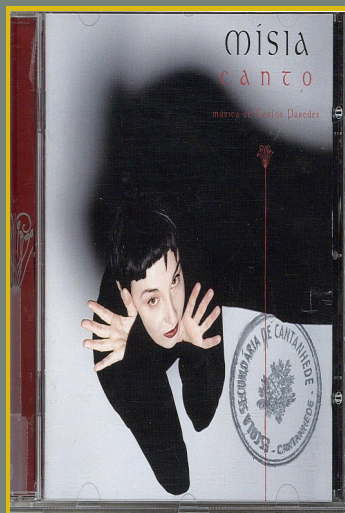
Talvez a mãe fosse rameira de bordel
talvez o pai um decadente aristocrata
talvez lhe dessem à nascença amor e fel
talvez crescesse aos tropeções na vida ingrata

talvez o tenham educado sem maneiras
entre desordens, navalhadas e paixões
talvez ouvisse vendavais e bebedeiras
e as violências que rasgavam corações

talvez ardesse variamente em várias chamas
talvez a história fosse ainda mais bizarra
no desamparo teve sempre duas amas
Que se chamavam a viola e a guitarra

pois junto delas talvez já o reconheçam
talvez recusem dar-lhe o nome de enjeitado
e mesmo aqueles que o não cantam não esqueçam
nasceu assim, cresceu assim, chama-se Fado

Carmo, Carlos (2004). *Nasceu assim, cresceu assim* In *Carlos do Carmo [CD]: Ao vivo no Coliseu dos Recreios de Lisboa*. Lisboa: Universal Music.



Cota: 8 MIS

Músia (CD)

Os textos

“Sem saber”
porque te amei assim,
porque chorei por mim,
sem saber
com que punhais tu feres,
magoas mais e queres,
sem saber
onde é que estás, nem como,
o que te traz sem rumo,
sem saber
se tanto amor devora
mais do que a dor que chora,
sem saber
se vais mudar, se então
podes voltar ou não,
sem saber
se vais mudar, se então
podes voltar ou não,
sem saber
se em mim mudou a vida,
se em ti ficou perdida,
sem saber
da solidão depois
no coração dos dois,
sem saber
quanto me dóis na voz,
ou se há heróis em nós.

Mísia (2003). Sem saber In *Canto* [CD]. França: Warner Music France.



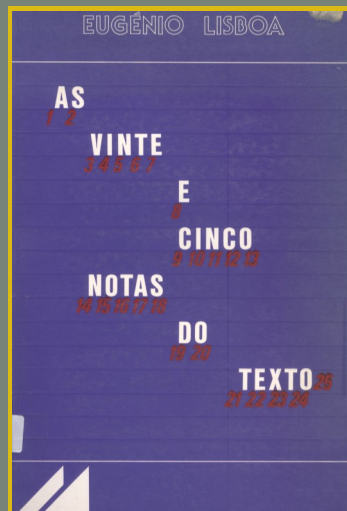
Cota: 80 GUI

Outro aspecto importante desta poesia: o modo como passam para o primeiro plano da linguagem do poema certas indicações culturais. Tais alusões e referências podem ser interpretadas como uma tentativa de objectivação, embora esta tentativa se possa equilibrar com uma outra margem que é a de um testemunho mais íntimo, de certo modo autobiográfico ou subjectivo.

Não esqueçamos outro tanto que a figuração irónica não deixa de pressupor um compromisso com o ponto de vista do autor. Mas esse ponto de vista pode assumir um significado muito especial, pelo modo como tal figuração irónica recua para uma outra em que a intervenção do imaginário cria outras virtualidades, algumas das quais concorrerão para fazer recuar esses traços de subjectividade. Por vezes, na poesia de Vasco Graça Moura a construção do imaginário entra em conjugação com a possibilidade de nele se situar, através da citação de nomes – poetas, romancistas, pintores, compositores musicais -, um novo espaço que se diria formado a partir de associações que tais nomes vêm sugerir, mas que acaba a pouco e pouco por ficar desfocado conforme, no próprio poema, se percorre o caminho comum desse imaginário. (p. 117)

Guimarães, Fernando. (1989). *A poesia contemporânea portuguesa e o fim da modernidade*. Lisboa: Caminho.

Sobre os textos



Cota: 80 LIS

Sobre os textos

Poeta culto e artesão superior e meticoloso, Vasco Graça Moura não pode ficar – e não fica – indiferente às ambíguas relações entre o real e o canto que no-lo devolve – em que estado de conservação? «o real será [apenas] / a epígrafe de sermos?» Mais: [será apenas] «uma espécie de canto / que a música transcende?» Mas em que termos (de deformação, de distorsão) transcenderá? «o real será (...) / uma realidade?» Ou sê-lo-á a música que no-lo traduz? De que é capaz essa música? Quais os poderes dela? Que pode ela fazer que aconteça? Auden preferia responder em termos do mais radical (e saudável?) cepticismo. [...]

A poesia «nada faz acontecer» mas, observa Auden, «sobrevive no vale do seu próprio dizer». Restaria investigar que modos reveste este sobreviver. Visitando o quotidiano «rigor / do coração: nó cego, indesatável / por nevoeiro espesso / ou ténue gaze na distância», Vasco de Graça Moura não logra, como ninguém logra, «rasgar a sombra intocável». A linguagem do poeta não tem no leque dos seus poderes o poder de solucionar enigmas. Explora, quando muito, sem resolver, como observava com argúcia um escritor inglês contemporâneo, a insanável perplexidade do seu autor. O rigor e a virtuosidade do *fabbro* são precisamente a melhor resposta... (pp. 210-211)

Lisboa, Eugénio. (1987). *As vinte e cinco notas do texto*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

DICIONÁRIO DE LITERATURA PORTUGUESA

Organização e Direcção de
Álvaro Manuel Machado

A. CAMPOS MATOS · ÁLVARO MANUEL MACHADO · AMÉRICO GUERRINHO DE SOUSA
ANA BARREIRO · ANA LUÍSA VIEIRA · ANA DO CARMO · ANTONIO GUERRINHO · ANTONIO
FERREIRA DE BEITO · ARTUR ANSELMO · CÂNDIDO MORAIS · CARLOS DEUS · CECÍLIA
BARREIRA · CLARA ROCHA · CRISTINA RASGU · DANIEL MONTE PAGAUX · ETELVINA SAN-
TOS · FERNANDO CARVAL MARTINS · FERNANDO CRISTÓVÃO · FERNANDO GUERRAS ·
FERNANDO J. E MARTINS · HÉLIER COELHO · HÉLIER MACIEL · HÉLIER CARVALHO ·
RUSCU · HENRIQUE CHAVES · ISABEL ALBERTO DE MACALHÃES · ISABEL PIRES DE LIMA
· JACQUES MOUTTE CHODRA · JOÃO LEAL · JOÃO MOURA · JOSE HERÁO · JOSE AUGUSTO
FRANCA · JOSE AUGUSTO SILVA · JOSE CARLOS XAVIER PEREIRA · JOSE INACIO DAS
MARQUES · JOSE V. DE PINA MARTINS · JUSTINO MENDES DE ALMEIDA · LAURINDA
ROSE · LUIS FORJAZ TRINDADE · LUIS DE SOUSA REIS · LUIS FRANCISCO REBELLO ·
MARIA ANILIA GOMES · MARIA DE FÁTIMA BRANCO · MARIA TEREZINHA DE ARAÚJO ·
MARIA JOSÉ PALLA · MARIA LINDOR CARVALHO RUSCU · MARIA DE LOURDES NETTO
SILVEIRA · MARIA LUCIA LEPCKE · MARIA MÓNICA TEIXEIRA · MARIA DO NASCIMENTO
OLIVEIRA · MARIA NAZARE GOMES DOS SANTOS · MARIA HELENE PINHO · ROBERTO
AMARAL COMA · ROMEO JONES · SÉLIA PAVIA MONTEIRO · OSCAR LOPES · PAULA
COSTA · PAULA MORAIS · PEDRO FERRE · SÉRGIO CAMPOS MATOS · TERESA ARAÚJO ·
TERESA VIEIRA LOPES · TERESA VIEIRA DE ALMEIDA · JOSE DEAM · URBANO XAVIER DO
BRASIL · VÂNIA PINHEIRO CHAVES · VITOR WILHEMINO TEIXEIRA · ZULEIMA LANTAS

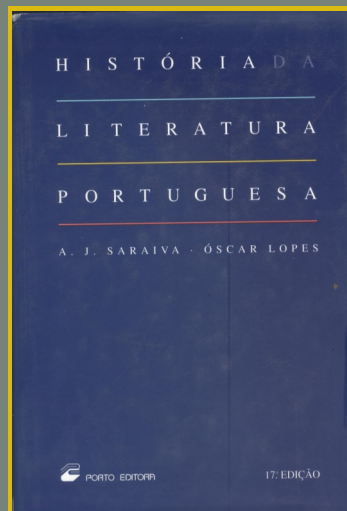
Editorial  Presença

Cota: 80(038) MAC

No domínio da literatura há a considerar a sua actividade como poeta, romancista e ensaísta. Publicou o seu primeiro livro de poesia em 1963 – *Modo Mudando* – e, ao referir-se à sua actividade de escrita, diz-nos que procura assumir «a interrelação de muita coisa. Entende a criação como convocação de emergência da cultura a que vivencialmente se solidariza». Com efeito, esta será uma das características a considerar na sua poesia: o uso de referências de índole cultural que, por vezes, subverte, mas que não deixa de contribuir para que os seus poemas ganhem uma dimensão própria através das suas implicações imaginárias, do seu lançamento metafórico, de uma generalizada figuração irónica ou do desenvolvimento discursivo a que recorre - «eu prefiro a narração», diz-nos em *O Concerto Campestre* (1993) – e que se reveste de um sentido especial pelo modo como essa discursividade parece ganhar uma configuração maneirista que se alonga aos seus romances, nomeadamente no caso de *Quatro Últimas Canções* (1987). Ao desenvolvimento discursivo de alguma da sua poesia contrapõe-se, noutros casos, o recurso a um tratamento estrófico mais contido... (p. 327)

Machado, Álvaro Manuel. (2001). *Dicionário de literatura portuguesa*. Lisboa: Presença.

Sobre os textos



Cota: 80(09) SAR

Além da orientação teórica, e do uso variamente qualificado de técnicas de tradição surrealista, outro fenómeno caracteriza a poesia portuguesa actual de público formalmente exigente: uma extensa informação cultural que transborda da predominante origem ou transmissão francesa de até à guerra de 1939- 45 e que, de vários modos, propicia a tendência caracteristicamente pós-modernista para a paráfrase, a citação, o amálgama de referências literárias, artísticas, doutrinárias, de viagens e de experiência própria, tudo expresso de modo mais ou menos ambíguo ou refractado. Caso típico do poeta de larga informação cultural activa é Vasco de Graça Moura (n. 1942-01-03). Desde os seus primeiros livros avulta, além das conhecidas estratégias pós-surrealistas, uma transgressiva de múltiplos códigos comunicativos, que vão das gírias à fraseologia de diversos registos de fala corrente, a inserção de variada terminologia técnico-científica, incluindo distorções paronímicas, etimológicas e morfológicas, junções poliglóticas, etc., produzindo uma larga paleta de humor. (p. 1082)

Saraiva, A. J. & Lopes, Óscar (2001). *História da literatura portuguesa* (17.ª ed.). Porto: Porto Editora.

Sobre os textos



Clique nos links para aceder aos recursos

[Instituto Camões](#)

[escritores.online](#)

[RTP Ensina](#)

[DGLAB Livro](#)

[Portal da Literatura](#)

[Poems from de portuguese. 21st century poetry](#)

Recursos web

Apoio curricular à disciplina de Português do Ensino Secundário